

REPEF— Rede de Educadores e Pesquisadores em Educação FREINET

EDUCADORES EM REDE

Volume 1, edição 1

JULHO DE 2014

POR QUE UMA REDE DE EDUCADORES?

NESTA EDIÇÃO:

PEDAGOGIA FREINET - concepções teóricas	2
OS INSTRUMENTOS NA PEDAGOGIA FREINET	2
CONTROLE E AVALIAÇÃO — Liberdade e responsabilidade	3
O MOVIMENTO FREINET: UMA REDE AUTOGERIDA?	4/5

Desde o início de sua trajetória, o educador Célestin Freinet se preocupou em dividir suas experiências e descobertas, somando-as às de colegas professores que desenvolviam práticas pedagógicas em busca do fortalecimento de uma educação para os filhos da classe trabalhadora – uma escola popular. Suas técnicas de vida, como ele denominava essas ferramentas pedagógicas, eram partilhadas, em forma de publicações, correspondências entre os professores e entre seus alunos, de forma a ampliar a rede de experiências educativas e de oferecer um suporte para a inovação pedagógica.

Não se tratava simplesmente de técnicas mais modernas, mas na busca de construção de uma educação calcada em princípios de cooperação, solidariedade, expressão autêntica de sentimentos e pensamentos, de confiança e respeito pela criança em suas necessidades de conhecer e de agir.

Dessa forma, o Movimento da Escola Moderna – Pedagogia Freinet – foi se constituindo, desde a década de 1930, em uma rede de autoformação entre educadores. Esta rede se ampliou e se disseminou pelo mundo, estando, hoje, organizada em mais de 40 países.

Foi baseando-se nessa formação que educadores e pesquisadores da Pedagogia Freinet no Brasil se estruturaram em uma Rede de Trocas de Saberes, dentro de uma estrutura horizontal, propondo-se a estudar, divulgar, apoiar e praticar a educação afinada com as práticas da Escola Moderna, também conhecida como **Pedagogia Freinet**.

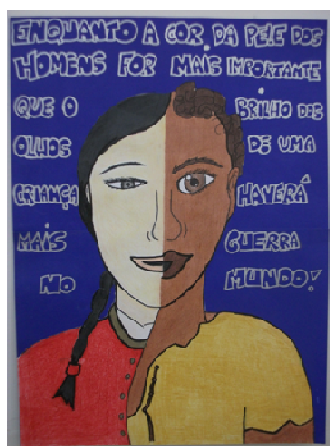
Hoje a REPEF – Rede de Educadores e Pesquisadores da Pedagogia Freinet – congrega cerca de 110 filiados, professores da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio e professores nas Universidades, que atuam em diferentes cidades e estados do Brasil, tanto em instituições da rede pública como privada, assim como em movimentos sociais e ONGs.

Os debates ocorrem em

uma lista de discussão virtual, onde são lançados temas, ou dúvidas de professores, possibilitando o debate através de emails, para ajudar o colega que esteja em dificuldades. Conta ainda com um site, um blog e um perfil no Facebook, para onde podem se dirigir as questões postas em debate.

Como uma estrutura horizontal, a REPEF não obedece a hierarquias, mas rege-se por uma Carta de Princípios, alinhada com documento semelhante do Movimento internacional.

Esta revista tem por objetivo publicar textos de informação e de reflexão da Pedagogia Freinet, produzidos por colegas pertencentes ao Movimento, baseados em suas práticas e pesquisas.



As ilustrações presentes nesta edição foram produzidas, em oficinas de Artes, por alunos do Colégio Portinari, da cidade de Limeira, S.P., que se fundamenta na Pedagogia Freinet.

PEDAGOGIA FREINET—CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Entre os textos que circulam em nossa rede, alimentando a reflexão e o debate, uma contribuição importante são as traduções que Rosa Maria Whittaker (SP) faz de trechos de livros e artigos escritos por colegas do movimento francês, que são antigos militantes e praticantes da Pedagogia Freinet. Como um movimento que visa a dar suporte ao processo formação e autoformação dos docentes que militam na Pedagogia Freinet, esses textos são como gotas de saber, que nos auxiliam na caminhada por uma melhor compreensão dessa pedagogia.

Nesta edição, entre as compilações de nossas discussões na rede, apresentamos três textos enviados por Rosa. O primeiro é um artigo de Pierre Clanché, que discute a Pedagogia Freinet como uma **Pedagogia do Acontecimento**, que valoriza o acontecimento, abrindo-se para os reais interesses das

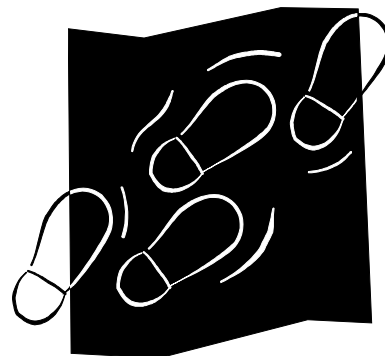
crianças.

O segundo, também extraído do livro de Clanché, analisa o papel dos instrumentos como essenciais na Pedagogia Freinet, que ele denomina “*uma organização radicalmente nova do trabalho*”.

O terceiro texto, **Controle e Avaliação**, escrito por Michel Barré, discute o papel de dois conceitos - liberdade e responsabilidade - numa classe Freinet, que se efetivam através do trabalho, na prática cotidiana dos instrumentos de autogestão.

Esses três textos visam a subsidiar os debates em grupos de estudo e valem para ser discutidos e ensaiados no cotidiano das escolas, pois são ferramentas muito úteis quando se quer construir UMA OU-

TRA ESCOLA, uma escola popular, apoiada no trabalho, na expressão livre, na autonomia.



Pedagogia Freinet, uma pedagogia do “evento”

Pierre CLANCHÉ, *

A fórmula tantas vezes repetida “abrir a escola para a vida não será senão um slogan demagógico se não se traduzir na prática pedagógica, objetivada nas atitudes e técnicas.

Como todos os sistemas fechados, a escola tradicional é contra os “eventos”. O “evento” é identificado com o barulho, a desordem, sendo portanto incompatível com a programação sequencial da aprendizagem,

O retângulo deve vir depois do quadrado, como Joana D Arc depois Carlos Magno. O pouco de “eventos” que a escola tradicional acolhe são os “eventos” previsíveis. como as festas e as estações da natureza, objetos de redações ou de observações que se nomeiam pomposamente de “pesquisas”, e que são muitas vezes totalmente desconectados da vida das crianças.

Para a pedagogia Freinet, abrir a escola para a vida significa primeiramente deixar entrar na escola a vida das crianças consideradas como **peçoas** e não como escolares. O que um “evento” é para uma criança? É o nascimento de um irmãozinho, mas também o carro novo, a cachorrinha que vai ter filhotes, um presente que recebeu, a nova máquina de lavar, a doença da vovó, o acidente que viu no caminho para a escola... Em lugar de ficar logo ocupado pelas perturbações (aquelas que estão efetivamente numa programação de trabalho fechada, tal como parasitas) embaralha a circulação informativa), esses “eventos podem sob certas condições, serem considerados como organizadores do trabalho cooperativo.

Elise Freinet mostrou bem como historicamente, a transformação do “evento” perturbador (interesse de um mau aluno pelas lagartixas) num “evento organizador” pelo fato desse “evento”, em lugar de ser rejeitado, considerado fora da legitimidade escolar, seja simplesmente escrito na lousa para a lição de leitura, constituiu um momento decisivo na evolução da prática pedagógica de C. Freinet.

Mas esses “eventos não poderão ser **organizadores**, se não houver instrumentos e instituições que lhes acolham. Estes são, entre outros, a “Entrevista da manhã—O que há de novo?”, o conselho de cooperativa, o texto livre e o jornal

O “evento” não é nem recuperado nem anulado.

Simplesmente sendo socializado, ele contribui para socializar o pensamento e o desejo da criança; Analisando, ele contribui para uma diversificação e uma complexificação de toda ou parte da classe. Essa permeabilidade ao “evento” é um critério muito confortavelmente aceito na prática da pedagogia Freinet.

* CLANCHÉ, Pierre—**A criança escritora - a genética e o simbólico do texto livre.**

Paris, França: Ed. Paidós / Le Centurion 1988

OS INSTRUMENTOS NA PEDAGOGIA FREINET

Pierre Clanché

Como organização radicalmente nova do trabalho, a pedagogia freinet dá o primeiro lugar ao INSTRUMENTO: “para forjar é necessária a forja não a saliva e a lógica, mas uma bigorna, martelos, tenazes e o ferro”.

A escola tradicional utiliza poucos instrumentos, e os que ela utiliza são, na maior parte, específicos dela: o caderno, o quadro, o giz... As novidades tecnológicas não penetram senão depois de longos períodos de censura. Essa autoridade do material escolar está para ser banida.

Não se pode transformar o ensino sem transformar os instrumentos, porque não há técnicas novas sem novos instrumentos. Freinet repete sempre: “**Jamais diremos: pratiquem o método do texto livre mas sim: procure um material de imprensa para a escola ou, na falta dele, um limógrafo com os acessórios indispensáveis. Agora orientem sua educação em direção às atividades que esses instrumentos permitem e para os quais vocês darão todas as indicações. Nós nunca diremos: Pratiquem a prospeção viva pelo método dos complexos de interesse, mas sim: Organizem uma Biblioteca de trabalho na classe com a organização e desenvolvimento de seus fichários; organizem suas “Aula-passeio”, suas visitas....”**

A posse dos instrumentos específicos condiciona e precede necessariamente o uso da técnicas. Estamos longe de tervigerações não diretivas! Essa prioridade concedida aos instrumentos e o seu contínuo aperfeiçoamento e diversificação é unânime entre os professores que praticam a Pedagogia Freinet, agora que sua falta se torna um álibi dos outros

Esses instrumentos são por princípio “materiais”: Imprensa, gravador, pintura, documentação, ateliês diversos... Mas eles são também “sociais”: correspondência interescolar, responsabilidade nos ateliês, conselho de cooperativa, jornal mural, ou de parede, etc. A extrema importância destes últimos foram suficientemente iniciados por R.Lafitte, F.Oury, C.Pochet, e A.Vasques, para não tomar mais tempo.



Os Ateliês são uma das ferramentas de gestão da sala de aula, juntamente com os planos de trabalho definidos coletivamente, que permitem às crianças optarem por atividades conforme seus interesses. Na foto, alunos do Colégio Portinari se inscrevem para os ateliers ofertados em um dia de aula.

CONTROLE E AVALIAÇÃO *

A aprendizagem da responsabilidade mais do que a obediência

A obediência é considerada como uma virtude principal na escola convencional. Por outro lado, talvez por causa das expressões “texto livre”, “desenho livre”, muitas pessoas acreditam que a educação segundo Freinet tem por característica a liberdade. Para ele, é seguramente um objetivo formar homens livres, mas é preciso observar que, fora do qualificativo “livre” junto a algumas atividades, o tema da liberdade da criança aparece pouco nos seus escritos. Ele evoca muitas vezes os desejos das crianças que a educação deve permitir satisfazer. Por outro lado, sua pedagogia é subtendida sempre pela noção de “responsabilidade”. Relendo “A educação pelo trabalho”, constatamos que a “responsabilidade” está presente em todas as páginas.

Desenvolver ao máximo a responsabilidade de escolher

No trabalho individualizado, cada criança escolhe e organiza seu trabalho, mesmo se essa liberdade não exclua certas obrigações. O grupo é muitas vezes levado a escolher. Vota-se para

escolher o texto do dia que será impresso no jornal, para prosseguir uma atividade coletiva, um objetivo para uma saída. Mesmo para um passeio nos dias feriados, Freinet pede que os adultos de sua escola de Vence proponham escolhas, tendo em vista a distância, o estado físico do lugar, o tempo disponível, as motivações, esclarecendo os argumentos a favor e contra, mas sem decidir autoritariamente, em lugar das crianças.

O fato de haver uma escolha exige uma tomada de responsabilidade, mas também uma renúncia, pelo menos temporária, aos outros elementos da escolha. Às vezes a escolha é uma solução única é frustrante, mas é preciso aprender a decidir sem se perder em hesitações. Poderá ser reservada outra escolha para uma vez seguinte, ou verificar se é possível acumular as vantagens de duas escolhas simultâneas.

A educação para a verdadeira liberdade não é uma veleidade no absoluto, ela começa assumindo com realismo suas próprias escolhas.

À procura de uma verdadeira democracia

O educador não hesita em assinalar a qualidade do texto de uma criança que nunca foi escolhida.

Ele relembra que não são sempre os mesmos que devem impor seus pontos de vista, sob o pretexto de que eles são mais numerosos ou mais convincentes. Um clima de vida cooperativa leva as crianças a se preocuparem pelo interesse de cada um no seio do grupo e mesmo fora dele.

É desse exercício cotidiano que nasce um verdadeiro espírito cívico.

* BARRÉ, Michel. **Célestin Freinet - Un éducateur pour notre temps**. França: Ed.PEMF, 1994. Tradução: Rosa Maria Sampaio



O MOVIMENTO FREINET: UMA REDE AUTOGERIDA?

Anne-Marie Milon Oliveira

Pela sua prática comprometida de educador popular Célestin Freinet foi o iniciador de um vasto movimento pedagógico que, até hoje, congrega milhares de docentes pelo mundo afora. O início deste movimento não foi propriamente premeditado e muito menos planejado: no seu livro *Nascimento de uma pedagogia popular* (1978), Elise Freinet nos conta como as técnicas elaboradas por seu marido para a turma multisseriada onde lecionava, numa modesta escola do interior, começaram a ser divulgadas por ocasião de um congresso de educadores. Um colega oriundo da Bretanha, cuja escola se encontrava a várias centenas de quilômetros, se interessou pelas suas descobertas e resolveu experimentá-las. Aos poucos, relações se instauraram, correspondências foram trocadas, experimentos intercambiados entre um número cada vez maior de docentes primários. Denominado, de início, "Cooperativa do Ensino Laico" (CEL), o que reflete uma dimensão essencial da proposta pedagógica de Freinet: a ênfase na ajuda mútua, a rejeição a toda educação baseada na competição, o novo movimento se expandiu e se complexificou. Rapidamente apareceu a necessidade de uma organização que permitisse, ao mesmo tempo, a fluidez da comunicação e a coesão dos seus membros.

Esta organização fugiu, desde o início, ao modelo tradicional das instituições heterogeridas, que prevêem, via de regra, uma estruturação de tipo piramidal, tendo em seu topo uma cúpula. Mesmo se eleita democraticamente, referendada regularmente por assembleias gerais e

regada de tomar decisões, definir rumos, formular diretrizes, assegurar, enfim, a direção da organização, o que, geralmente, a transforma no órgão que comanda esta organização, com as inevitáveis lutas de poder que se seguem.

Esta organização fugiu, desde o início, ao modelo tradicional das instituições heterogeridas

O Instituto Cooperativo da Escola Moderna (ICEM - <http://www.icem-pedagogie-freinet.org/>) é nome atual do movimento Freinet. Ele quer fugir a este modelo e busca realizar aquilo que Alain Guillerm e Yvon Bourdet (1976:193) denominam "uma coordenação entre iguais, numa implantação cujos meios e caminhos sejam transparentes para todos". Em outras palavras, se esforça por praticar a autogestão.

Quais são suas fontes inspiradoras? Acredito que principalmente duas: o pensamento libertário e o materialismo dialético.

Do primeiro absorveu uma profunda rejeição a toda forma de governo autoritário, às ideias de "vanguarda", de "elite esclarecida", à separação entre trabalho manual e intelectual, entre gestão e realização. No movimento Freinet todos são chamados a participar, tanto da administração das instituições internas (veremos mais adiante do que se trata) como da criação e experimentação de novas técnicas pedagógicas ou da formulação de novas linhas teóricas.

Do segundo retirou aquilo que Freinet denominava de "materialismo escolar". O que ele queria afirmar com isso, é sua oposição às pedagogias idealistas que costumam anunciar grandes princípios filosóficos para depois constatar que... Infelizmente, sua aplicação é impossível devido aos limites impostos, notadamente, pelas políticas governamentais ou, também, com muita frequência, pela falta de colaboração dos pais de alunos.

O "materialismo escolar" tem como fonte, em primeiro lugar, o pensamento de Marx: se quisermos mudar a forma como os homens pensam (isto é, educar), é preciso, em primeiro lugar, mudar as condições materiais que fazem com que os homens (as crianças) pensem de determinada maneira.

As fontes inspiradoras foram o pensamento libertário e o materialismo dialético.

Coerentemente com esta visão, a pedagogia Freinet afirma que o ponto de partida de toda ação educativa é a prática e que os meios materiais são os seus primeiros determinantes.

É a prática e seus obstáculos, que geram a reflexão, que, num movimento dialético de pesquisa, leva à reflexão, à teorização. A continuar este movimento, nunca mais serão separadas.

Se quisermos mudar a forma como os homens pensam, é preciso mudar as condições materiais que fazem com que os homens pensem de determinada maneira. (Karl Marx)

Coerentemente com esta premissa, Freinet salienta a importância do que chama de "técnicas e ferramentas de trabalho" do professor. O professor é um trabalhador como os demais e não, como difunde a ideologia dominante, até para cooptá-lo, um membro da classe média. Mas é importante salientar que, quando ele fala destas "ferramentas", Freinet não se refere a materiais sofisticados e caros. A escola onde ele começou a lecionar era paupérrima, situada numa das regiões mais subdesenvolvidas (à época) da França e os meios materiais dos quais ele se valeu eram aqueles que estavam ao seu alcance. O livro da esposa dele, Elise Freinet, conta de forma cativante e reflexiva como foi este começo de carreira.

Para a autogestão efetivar foi necessária a criação de "técnicas e ferramentas"

O movimento Freinet se baseia nos mesmos princípios. Para que a autogestão se tornasse efetiva foi necessária a criação de "técnicas e ferramentas", de instituições para a gestão compartilhada, a experimentação de procedimentos pedagógicos, para a comunicação interna entre os membros.

A palavra "instituição" tem aqui o sentido que lhe é atribuído pelo filósofo Cornelius Castoriadis, uma das fontes inspiradoras do Movimento Institucionalista do qual, outra fonte, foi o próprio Freinet.

A primeira "instituição interna" do movimento é, sem dúvida, a correspondência. Ela era feita inicialmente por meio de cartas (hoje em dia, via Internet), através de boletins e de um instrumento chamado "cadernos circulantes", quando um membro do movimento queria lançar um questionamento, expor uma nova técnica, discutir uma situação de sala de aula, contestar decisões, ele pegava um simples caderno escolar e escrevia o que tinha a dizer. A seguir, enviava este caderno para outro colega, que

expunha sua opinião, sua experiência e o mandava a outro. Após um certo tempo, o caderno voltava ao seu iniciador, que fazia uma síntese e a tornava pública em um dos periódicos do movimento. Hoje em dia, o mesmo trabalho se faz pela internet. A rede Freinet (como a REPEF) é um importantíssimo meio de trabalho e comunicação.

A segunda "instituição interna" são esses periódicos e os numerosos boletins locais, sites de escola ou de turma. Cada região tem, também, grupos - e esta é a terceira principal "instituição interna" - que se reúnem regularmente. Outros se especializam numa determinada questão escolhida livremente pelos interessados (o ensino da matemática, a vida cooperativa da classe, a alfabetização ou, como gostam de dizer os "freinetianos": a gênese da escrita na turma, etc.).

O movimento se concretiza através de centenas de grupos. Torna-se ainda mais visível nos momentos de reunião: congressos nacionais e internacionais, assembléias... Mas a procura de base é que tudo se faça dentro de uma fluidez e transparência que tem por objetivo evitar a formação de grupos de poder, a cristalização das instituições. A comunicação segue caminhos predominantemente horizontais e obedece a uma malha nunca formalizada de forma rígida. Nesta malha, nesta rede autogerida, a circulação da informação (o saber) se esforce, às vezes, o caráter efêmero dessas instituições garante, de uma certa forma, a dade e, às vezes, o caráter efêmero dessas instituições garante, de uma certa forma, a flexibilidade do movimento e reflete suas pulsações. É claro que conflitos existem, mas a organização do movimento tende a permitir que sejam discutidos e, na medida do possível, resolvidos na discussão.

Outro ponto importante é que a adesão à pedagogia Freinet é sempre uma opção pessoal e voluntária dos docentes que pertencem ao movimento. Seria impensável um diretor de escola, um secretário de educação decidirem que os docentes que lhe são subordinados adotem esta pedagogia. Cada um inicia quando quer,

da forma que quer, no seu ritmo, apoiado pelos colegas mas nunca pressionado para agir desta ou daquela forma.

Uma organização deste tipo não tenderia a ficar dispersa e sem controle? De anarquista não riscaria de se tornar anárquica? Esta era uma das maiores preocupações de Freinet, para quem organização e disciplina, livremente construídas, eram pré-requisitos imprescindíveis para o funcionamento da classe e para a existência de qualquer grupo.

Acredito, sobretudo, que o que impede esta desintegração é, de forma mais ou menos explícita segundo as épocas, dentro da diversidade de cada lugar, de cada grupo, de cada momento, a existência de um grande projeto comum. Nisto, esta rede continua, antes de tudo, sendo um movimento pedagógico e político; nisto os membros do ICEM são os fiéis herdeiros do seu fundador e seu projeto continua sendo o de contribuir para a desalienação da escola pública e para sua transformação num instrumento de formação de um cidadão livre, crítico e criativo.

Referências

Castoriadis, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
Ferreira, Gláucia de Melo (org.) *Palavra de Professor(a)*.

Freinet, Célestin. *Para uma escola do povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Freinet, Elise. *Nascimento de uma pedagogia popular*. Lisboa, Editorial Estampa, 1978

Freinet, Elise. *O Itinerário de Célestin Freinet*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

Guillerm, A. E Bourdet, Y. *Autogestão, uma mudança radical*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

Oliveira, Anne-Marie Milon. *Célestin Freinet: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica*. Rio de Janeiro: Papéis e Cópias da Escola de Professores, 1996.

Sampaio, Rosa Maria Whitaker. *Freinet. Evolução histórica e atualidades*, São Paulo: Scipione, 2ª Edição, 2002.

Santos, Maria Lúcia dos. *A Expressão livre no aprendizado da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1991.

FUNCIONAMENTO DE UMA REDE

Francisco Whitaker *

A palavra REDE pode ser usada com muitos sentidos: rede de pescar, de dormir, de TV, rede de estradas, de comunicações - como a da Internet, rede de supermercados...

Nesta nossa conversa, vou usá-la num sentido mais limitado: a rede como forma de organização de pessoas ou entidades que trabalham juntas.

Usar a palavra rede nesse sentido mais limitado é uma certa novidade. De uns tempos para cá, cada vez mais movimentos e entidades se apresentam como redes, mesmo que nem todos poderiam de fato Sr assim chamados: organizam-se como sempre e seguem a moda, mudando apenas seu nome.

O objetivo deste texto é apresentar o que haveria de novo numa organização em rede. Quais suas vantagens. Porque e em quais situações valeria a pena organizar-se em rede.

O QUE SERIA UMA ORGANIZAÇÃO EM REDE?

As redes de que sempre falamos - redes de pescar, redes de dormir - nos dão uma idéia do que pode ser uma organização em rede. São um tecido, mais ou menos denso, feito de mais ou menos fios que se entrelaçam uns com os outros. Uma malha, que se espalha onde seja posta; que não pode ficar de pé, a não ser que seja pendurada num gancho que a sustenta.

A organização em rede também se espalha horizontalmente. Ela é, portanto, totalmente diferente da organização em pirâmide, com sua base e sua cúpula. Não há hierarquia de importância entre os que a compõem. Há diferentes tipos de poder, diferentes tipos de responsabilidade e funções diversas. Mas todos os seus membros estão no mesmo nível, em termos de poder. Muitas das redes que se dizem redes, na verdade não o são, exatamente porque estão penduradas num gancho: elas tem um dono, um líder, um chefe.

Na verdade essa idéia não é completamente nova. Já na natureza as coisas se organizam em rede, desde os átomos e as moléculas, que vão se juntando em tecidos interdependentes. E o poder- conjunto das bactérias que se multiplicam horizontalmente é tão forte, que pode ser fatal ao organismo que esteja infestado.

Na natureza esse equilíbrio horizontal é também uma questão de sobrevivência. O segredo da boa ecologia é agir dentro do próprio sistema, sem violências nem corpos novos que afastem nem eliminem o que o está prejudicando.

Mas não é só na natureza que existem redes. As redes também são condição de continuidade da vida, como as redes de ajuda mútua - em que trocamos reciprocamente favores, bens, saberes, conselhos e serviços.

Quando a fraternidade prevalece, todos por um, um por todos, ficamos na horizontalidade da cooperação. Quando a autoridade de alguns se impõe pela experiência e pela sabedoria, e não pela eliminação do oponente ou pela esperteza, ela passa a ser uma ajuda e não um empecilho ao crescimento humano de todos. Quando todos dependem uns dos outros, mas ninguém explora, em seu benefício, a dependência do outro, abre-se o caminho para a autonomia corresponsável de todos. A vida baseada na confiança mútua fica mais tranqüila, sem sobressaltos - ou assaltos.

TRABALHANDO EM REDE

Uma REDE pode ser restrita às pessoas que compartilham ou trabalham em um determinado campo de atividade, ou determinado objetivo específico, ou ainda, que desejem se intercomunicar sobre um assunto especial.

Nesse caso, quem entra terá que aceitar as regras de participação estabelecidas pelos que estiverem propondo a formação da REDE, aceitando eventuais compromissos que tenham sido definidos para quem queira se ligar.

A circulação de informações dentro de uma REDE exige que alguns de seus integrantes prestem algum tipo de serviço próprio a elas, ou seja, o de fazer acontecer essa circulação, bombeando as informações pelos canais que interligam seus membros.

Mas como existe sempre alguém que registra a entrada e saída desses participantes, e autoriza sua participação, essa possibilidade contém também uma armadilha, que nem todos percebem: em muitos desses "grupos", seus "moderadores", às vezes censuram e mesmo impedem que a informação chegue efetivamente a todos.

Se essa intercomunicação se fizer por meio escrito ou pelo encontro pessoal, será necessária a montagem de um serviço que publique as mensagens intercambiadas, faça-as chegar a todos e/ou organize as reuniões.

O importante é que esse serviço, como de qualquer "moderador" não se auto-atribua nem funções de representação da REDE, muito menos de controle, hierarquização e censura das informações que nela circulem.

É IMPORTANTE DEFINIR CLARAMENTE OS OBJETIVOS DA REDE

Numa REDE cada ação resulta de uma proposta que nela circula e que é assumida por aqueles que considerem que essa proposta é válida e viável e se dispõem a assumi-la. Cabe a eles então se organizarem para agir e até definir melhor os objetivos e discutir estratégias alternativas para realizá-los efetivamente.

Na verdade esse é um grande desafio que se coloca aos organizadores de uma REDE: por essa "prestação de serviços", aparentemente inofensiva, se começa a colocar a rede num gancho de para concentração de poder, com todas as conseqüências negativas que isto terá para a sua continuidade.

Eles deverão se organizar de forma que a distribuição de responsabilidades fique bem definida e para que a ação não se dilua por falta de clareza nas atribuições de cada um. Não haverá chefias, mas poderá haver Coordenações, modos transparentes de tomada democrática de decisões, controles coletivos sobre o que está sendo feito, avaliações sistemáticas dos resultados que vão sendo obtidos, animadores, facilitadores.

A novidade é que aqueles que estão agindo, o fazem, não porque receberam ordens, mas porque estão comprometidos com o que deve ser feito. Esta forma de organizar ações com participantes de uma rede implica que todas as propostas que estes façam possam circular pela REDE de forma livre.

Em princípio, numa rede ninguém pode se colocar como censor, organizador, hierarquizador, julgador de informações e propostas que sejam nela lançadas. Todos têm o mesmo direito de limitar ou direcionar as propostas.

REGRAS DO JOGO - PROPOSTAS A ESTUDAR

Os integrantes de uma rede podem fazer propostas entre eles pessoalmente. Após terem combinado que aceitam a proposta, ela é lançada na REDE, e quem quiser adere, passando a utilizar a lista ou **rede de discussão**.

É proibido guardar informações que seriam do interesse de todos.

Ninguém deve ficar com o comando da REDE. Uma REDE não tem chefe.

Ninguém é porta-voz dos participantes de uma REDE. Se alguém o fizer, já estará pretendendo assumir uma posição de direção, comando, representação, que é contraditória ao caráter de uma REDE.

A REDE, enquanto REDE, não toma posições.

As tomadas de posição que sejam propostas serão assumidas por aqueles que quiserem e a REDE não pode falar em nome dessas pessoas.

É essencial existir o sentimento de corresponsabilidade, não é obrigação passar a todos, tudo o que penso ou o que faço. Somente colocar o que for de interesse comum. Portanto, não é para colocar TUDO na REDE e sim somente o que for de interesse comum. Vale dizer, restringir o uso da lista aos assuntos vinculados aos objetivos dessa REDE e ao seu funcionamento.

* *Extraído de texto de Francisco Whitaker, que acompanha o vídeo "Conversando com Chico Whitaker - Sobre Redes", das Edições Paulinas.*